

A CONSTRUÇÃO DO TEMPO EM *A DIVINA COMÉDIA*

Marta Helena COCCO*

- **RESUMO:** Este artigo estabelece uma relação entre o modo como o tempo foi construído nos três espaços transcendentais de *A Divina Comédia* – Inferno, Purgatório e Paraíso – e as especulações filosóficas sobre o tema realizadas por Platão, Aristóteles e Santo Agostinho, pensadores cujas obras foram lidas por Dante Alighieri e, provavelmente, influenciaram sua produção. O objetivo é provocar algumas reflexões iniciais e não muito aprofundadas sobre questões que podem parecer confusas ao leitor, à primeira vista, como por exemplo: a coexistência do tempo e eternidade no espaço transcendental, e a conservação, pela alma, das características do corpo e conseqüente sujeição à passagem do tempo, especialmente onde há punição, seja definitiva ou transitória. Para essas questões serão apresentadas interpretações que poderão ser estimulantes à leitura da obra.
- **PALAVRAS-CHAVE:** A Divina Comédia. Construção do tempo. Incentivo à leitura.

Dentre inúmeros aspectos suscitados durante a leitura de *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, chamou-me a atenção um aspecto da obra, de natureza filosófica, que sempre intrigou o ser humano e ainda não encontrou uma solução de consenso: a compreensão/definição de tempo. Especialmente na obra de Dante, a construção do tempo torna-se especial, pois ele nos é apresentado por um personagem narrador que, ainda em vida e com natureza corpórea, adentra o espaço transcendental onde se situam os mortos. Esse espaço, dividido entre Inferno, Purgatório e Paraíso, está associado à noção de eternidade, onde, em princípio, não há tempo. Entretanto, sabe-se que no Purgatório o tempo não só passa como essa passagem é a prerrogativa daquele espaço e a grande esperança dos que lá estão em busca da ascensão definitiva ao paraíso. Associada à noção de tempo, há outra questão intrigante na obra para a qual o autor, ao longo do texto, tenta dar uma solução: o modo como as almas são punidas no inferno e no purgatório e como tomam consciência da plenitude do Paraíso sem a sensibilidade corporal sujeita à passagem do tempo.

* UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso. Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Linguagens – Departamento de Letras. Tangará da Serra, MT – Brasil. 78 300 000 – martacocco@uol.com.br
Artigo recebido em 30/03/2014 e aprovado em 21/07/2014.

Essas investigações, em virtude das limitações a que um artigo está sujeito, têm por objetivo provocar reflexões sobre o tema aos leitores de *A Divina Comédia* que não tenham conhecimento especializado em linguagens e em filosofia e que, à primeira vista, poderão se deparar com uma sensação de estranhamento e de incompreensão. Não nos ocupamos das tradicionais especulações literárias acerca do tempo: o tempo histórico, o tempo da narrativa e o tempo da narração.

O modo como Dante Alighieri (2006) constrói o tempo em sua obra, combinando a liberdade criativa de que um texto literário dispõe com a necessidade de verossimilhança, foi influenciada pelo pensamento, até então produzido na cultura ocidental, sobre o conceito de tempo (linear e progressivo). Assim, levamos em conta como o tema foi tratado pelos principais filósofos e pensadores desde os gregos até os contemporâneos de Dante (1265-1321), especialmente aqueles nos quais se baseou a doutrina cristã em que a obra está embasada. Como é impossível elencar todos, selecionamos, para este fim, a síntese do pensamento de Platão, Aristóteles e Santo Agostinho. A escolha recaiu sobre esses três pensadores, também, por que, na própria obra, Dante dá a eles o devido destaque, como nesta passagem em que o personagem Virgílio responde a Dante sobre a razão de a usura ser um pecado:

Pois a filosofia, a quem a entende,
disse, mostra que quase em toda a parte
a natureza a sua marcha aprende

do intelecto divino e de sua arte;
se olhares tua Física diletta
verás bem claro, como num encarte,
[...]
(DANTE ALIGHIERI, *Inferno*, canto XI, 97-102).

Há, em *A Divina Comédia*, referência a outros pensadores e teólogos que certamente são relevantes para esta discussão, mas não serão mencionados pela limitação espacial de um artigo. Iniciamos pela apresentação de alguns trechos da obra, das três partes que a compõem, evidenciando como podem surgir e serem resolvidas as seguintes questões: a doutrina cristã diz que depois da morte há a eternidade. Em *A Divina Comédia*, o destino dos mortos será o Inferno, ou o Purgatório, ou o Paraíso, conforme tenham sido suas condutas durante a existência. Pois bem: se o inferno é o lugar da punição e as punições descritas pelo narrador prescindem do corpo, da matéria, como ocorrerá essa punição? Se, para haver noção da punição ou da recompensa, de que algo está acontecendo, é necessário que haja movimento, que haja tempo, como se dá essa sensibilidade no inferno e céu eternos? O Purgatório, onde a passagem do tempo é uma prerrogativa – pois ali as almas purgarão por determinado tempo para depois merecerem o céu – foge à noção da eternidade (depois da morte) proposta pela doutrina cristã?

É necessário ressaltar que não levaremos em conta, nessas questões, as diversas interpretações teológicas existentes na atualidade, pois, se de um lado, concentramos nas correntes de pensamento que podem ter influenciado o autor em sua época, de outro, levamos em conta as dúvidas do leitor comum, não especializado, cujo caminho de investigação mais provável é a própria obra. Outra consideração importante a fazer é a de que não podemos perder de vista o caráter ficcional de *A Divina Comédia*, o que equivale a dizer que o único compromisso do autor é com a coerência no plano literário.

Começamos pela primeira parte do livro, denominada Inferno e constituída de 34 cantos. Nela se dá o início da viagem de Dante que adentra numa selva escura, defronta-se com feras e é socorrido pelo poeta Virgílio que o acompanhará durante todo o percurso. Nos nove círculos que compõem o inferno, Dante se deparará com toda a sorte de pecadores cujos castigos estão diretamente relacionados com os atos cometidos:

O Inferno, nem seria necessário dizer, é o lugar da expiação dos pecados. Em sua viagem, Dante Alighieri (Inferno, canto III, 16-18) sinaliza:

Pois já somos chegados ao lugar
onde se vê a sofredora gente
que a luz do bem não soube conservar.

Vejamos como ocorrem, no inferno, as noções de tempo, eternidade, corpo e alma. No caso do tempo, os vários indícios das formas verbais indicam movimento, ação que perdura e, em alguns casos, até evolução dos movimentos que se repetem sem cessar:

A borrasca infernal, que nunca assenta,
as almas vai mantendo em correria;
e voltando, e batendo, as atormenta.

Arremessadas contra a penedía,
praguejavam, unidas, num crescendo,
amaldiçoando a divindade pia.

Ouvi que ali gemiam, padecendo,
os réus carnais, aqueles que a razão
ao apetite andaram submetendo.

E tal como aos zorraís em migração
movem as próprias asas para a frente
- movia aquelas almas o tufão.

(DANTE ALIGHIERI, Inferno, canto V, 31- 42).

Para a percepção da “correria”, dos “gemidos”, parece ser indispensável um corpo de onde esses movimentos e sons emanem. Entretanto, o poeta atribui essas características, que nos são conhecidas como corpóreas, às almas (*movia aquelas almas o tufão*). Temos, nestes versos, outros exemplos de sucessão de movimentos:

Como a vaga a se altear no Caridi,
que na outra bate, e gira na corrente,
estava a gente a rodopiar ali.

Tantos inda eu não vira, certamente.
Vinham, aos peitos nus impulsionando
pesos enormes, esforçadamente.

E chocavam-se em cheio; e, pois, recuando
de volta à sua Pete, rebradavam:
“por que dissipas?”, “Por que estás guardando?”

Assim no escuro círculo passavam,
indo e vindo, de um lado ao outro lado,
e sem cessar estes refrãos gritavam.

(DANTE ALIGHIERI, *Inferno*, canto VII, 22-33).

Conforme afirmamos, é evidente a repetição, a continuidade (“rebradavam, sem cessar gritavam”). Há a continuidade e há a sucessão de movimentos. É possível haver sucessão de movimentos fora do tempo? Poderíamos pensar que essa percepção ocorre apenas para Dante, que está em condição diferenciada naquele espaço. Mas é Virgílio (já morto) quem situa o viajante no tempo. Há, inclusive, um momento em que ele se vale do conhecimento astrológico para dar a Dante uma noção de que horas seriam, uma vez que, naquela escuridão, não podiam ver os astros:

Segue-me agora: A marcha aqui me apraz
os Peixes já se deixam no alto ver,
o Carro inteiro sobre o Coro jaz:
e inda está longe o passo em que descer.

(DANTE ALIGHIERI, *Inferno*, canto XI, 112-115).

Em nota, o tradutor Cristiano Martins¹ explica que a referência a Peixes é, na verdade, à “constelação dos Peixes que, pela sua posição naquele instante, em relação à Ursa maior (o carro), indicava a aproximação da aurora.” Em outro momento, outra referência à passagem do tempo:

¹ Cf. DANTE ALIGHIERI, 2006, p.161.

Naquela quadra do ano novo, quando
o sol no Aquário estende a crina inflada
as noites vão-se aos dias igualando,
(DANTE ALIGHIERI, Inferno, canto XXIV, 1-3).

Para uma melhor compreensão dos versos acima, citamos as notas explicativas do tradutor:

1. *naquela quadra do ano novo*: entre o fim de janeiro e o princípio de fevereiro, época em que o sol está sob a constelação de Aquário, e seus raios(a crina inflada) adquirem, aos poucos, maior força e calor e as noites já tinham quase a mesma duração que os dias.²

Nos versos abaixo, no momento em que atravessam um rio numa barca, há uma distinção entre os personagens Dante e Virgílio. Um, por estar vivo, possui um corpo e o outro é apenas uma sombra. Isso faz com a barca balance com o peso do corpo de Dante.

Meu guia entrou na barca incontinenti,
Depois fui eu; e só quando eu entrei
Foi que a mesma adernou ligeiramente.
(DANTE ALIGHIERI, Inferno, canto VIII, 25-27).

Está evidente, portanto, a ausência da corporeidade no Inferno. Ausente o corpo, onde se situam as terminações nervosas responsáveis pela sensação de dor, como os castigos impingidos aos pecadores farão algum efeito? A dor é sentida, pelos exemplos que vimos até agora, pois há gemidos, etc. Mas como Dante solucionou essa questão? Ressalvamos que esta é uma questão possível de ser formulada por um leitor da atualidade. Hoje sabemos que o corpo possui terminações nervosas, mas na Idade Média o sistema nervoso ainda não era conhecido. Nem mesmo Descartes³, no século XVII, o conhecia, pois chamava de “espíritos animais” os elementos responsáveis pela transmissão das sensações do corpo para a alma.

Voltando à questão, verificamos como ela se resolve no plano da obra. No Inferno não há nenhuma alusão ao tema, apenas a menção de que existem sombras com a aparência do corpo. Mais adiante, no purgatório, quando Dante pensa estar sozinho, pois não vê Virgílio, encontramos uma referência a esse enigma:

² Cf. DANTE ALIGHIERI, 2006, p.251.

³ Sobre o assunto ver: Descartes (1979).

Olhei em torno, à busca, a alma insegura,
pensando estar sozinho, pois só via,
à frente, de uma sombra a terra escura.

“Por que te inquietas?”, começou meu guia,
volvido a mim: “Pois não me tens ao lado,
conduzindo-te aqui por esta via?

[...]

A alta virtude às penas sujeitar
do fogo e gelo quis nossa aparência,
sem seu procedimento demonstrar.

(DANTE ALIGHIERI, Purgatório, canto III, 19-31).

Em nota, Cristiano Martins elucidava: “Virgílio explica a Dante que, apesar de incorpórea, tal aparência (a alma) foi sujeita pela vontade divina a sofrer os castigos [...] mas sem revelar o processo operativo através do qual foi isso obtido”⁴. Entretanto, no Canto XXV do Purgatório é que a questão fica esclarecida (pelo menos no plano literário), quando Virgílio pede a Estácio que faça a explanação a Dante sobre a geração do homem, sobre a infusão da alma no corpo e sobre como as sombras mantêm, após a morte, a aparência humana e manifestam reações como as dos vivos. Dominado pela curiosidade, Dante indaga: “Como pode ficar tão consumida/ a alma, que não precisa de alimento?” (DANTE ALIGHIERI, Canto XXV, 20-21) e a resposta está em:

Abre à verdade, entanto, inteiro o peito,
e sabe que, quando se dá no feto
a integração do cérebro perfeito,

o primo moto o vê, e em seu afeto
à obra da natureza peregrina,
lhe infunde um sopro, de fulgor repleto,

que as ativas virtudes lhe ilumina,
e atrai a si, uma alma, então, formando
que vive e sente e, logo raciocina.

E porque não prossigas duvidando,
pensa no sol que se transforma em vinho,
no sumo da videira se infiltrando.

Quando a Laquésis escasseia o linho,
parte-se a alma da carne e, virtualmente,
leva o humano e o divino em seu caminho.

⁴ Cf. DANTE ALIGHIERI, 2006, p.362.

Sem a força corpórea, agora, à frente,
a memória, a vontade e a inteligência
inda se aguçam mais que anteriormente.
(DANTE ALIGHIERI, Purgatório, Canto XXV, 67-84).

Verificamos, então, que não há corpo, mas uma alma com aparência de corpo que, mantendo as faculdades da memória, da vontade e da inteligência, mantém, por conseguinte, a sensibilidade para e a consciência das punições ou benesses.

No Purgatório, a noção de que o tempo passa é nítida, em íntima relação com aquele espaço, pois, sua prerrogativa é a temporalidade. Ali as almas expiarão algumas faltas para depois alçarem ao paraíso.

“Almas eleitas, ainda no degredo”,
disse Virgílio, “por aquela paz
que espero vos será dada bem cedo,

Mostrai-nos onde o prumo se desfaz,
para o podermos ir, enfim, galgando;
que o tempo, aquém a mais sabe, mais apraz.”

[...]

- assim se aproximava, à nossa frente,
dos eleitos a fila afortunada,
a caminhar tranquila, lentamente.

(DANTE ALIGHIERI, Purgatório, canto III, 73-87).

No Paraíso, a questão parece pouco conflituosa, pois os episódios são muito mais discursivos do que narrativos, a descrição espacial possui pouca variação e essa ocorre em função de menor ou maior intensidade de luz. No limite, pode-se dizer que o espaço, no Paraíso, é uma aura luminosa, a aura de Deus, ou ainda, Ele próprio. Quanto aos índices temporais, são escassos. Assim mesmo, encontramos alguns:

_ assim vi a coroa iluminada
mover-se, e uma canção entoar tão terna
que não se poderia ouvir cantada.

(DANTE ALIGHIERI, Paraíso, canto X, 145-147).

A vista eleva ao grau mais eminente,
por reencontrar na altura a Mãe divina,
de que este reino é súdito obediente.”

Assim fiz: e como à hora matutina
fulgura o oriente mais, sobre o horizonte,
do que o lugar no qual o sol declina,

e como se de um vale olhasse a um monte,
vi expandir-se súbito clarão,
que obumbrava, ao redor, toda outra fonte.
(DANTE ALIGHIERI, Paraíso, canto XXXI, 115-123).

Nestas estrofes, Adão fala a Dante:

No monte que se eleva à mor altura,
passei, em vida limpa ou degradante,
desde a hora prima à hora que se apressura

empós da sexta, à volta do quadrante.
(DANTE ALIGHIERI, Paraíso, canto XVI, 139-142).

O que temos, com maior ocorrência no Paraíso, são questionamentos de Dante respondidos por Beatriz e outras almas beatificadas que lá se encontram. Um exemplo dessas curiosidades é reportado ao que diz Platão sobre a origem e destino das almas, nesta passagem em que Beatriz fala a Dante:

“Em ti observo”, disse-me, “o rigor
da dúvida sem fim que te tortura,
e não consegues nem sequer expor.

[...]

E, por igual, preocupa-te a questão
do regresso das almas às estrelas,
como a doutrina o ensina de Platão.
(DANTE ALIGHIERI, Paraíso, canto IV, 16-24).

Embora haja, no texto de Dante, a preocupação em distinguir a doutrina cristã do paganismo, advertindo para a equívoca interpretação da filosofia platônica que levou muitos povos à adoração de “falsos deuses” simbolizados nas estrelas (Marte, Mercúrio e Júpiter), é inegável a influência da concepção platônica na criação da comédia, inclusive na estruturação⁵.

⁵ Em todas as partes da Comédia, tanto no Inferno, como no Purgatório e no Paraíso, a última palavra da última estrofe é “estrelas”. Isso pode ser interpretado como o gesto empreendido por Dante, em sua viagem, que começa no abismo e finda no alto, ou, ainda, ao próprio destino das almas que são as estrelas de onde provieram, segundo a filosofia platônica.

Expostos os fragmentos do texto que suscitaram as questões deste artigo, elencaremos a síntese do pensamento de Platão, Aristóteles e Santo Agostinho para analisarmos quais concepções afetaram mais diretamente a construção do tempo em *A Divina Comédia*.

Para Platão (1977), o tempo tem origem cosmológica, ou seja, nasceu quando um ser divino colocou ordem no caos existente:

Desejando a divindade que tudo fosse bom e, tanto quanto possível, estreme de defeitos, tomou o conjunto das coisas visíveis – nunca em repouso, mas movimentando-se discordante e desordenadamente – e fê-lo passar da desordem para a ordem, por estar convencido de que esta em tudo é superior àquela. (PLATÃO, 1977, p.48).

Isso está registrado em um de seus diálogos, em que, através do personagem Timeu, ocupa-se com os conceitos de mudança e de permanência. Para ele, a existência é ilusória, passageira e secundária às coisas afetadas pelo tempo, sujeitas à mudança e percebidas pelos sentidos. Tudo que há no mundo empírico, para Platão, são modelos imperfeitos do verdadeiro que está no mundo das ideias, onde o Ser é real e duradouro. Nesse diálogo, entre as principais premissas, destaca-se a de que o corpo humano é perecível e o do universo não, além da concepção de que há uma “alma do mundo” que dinamiza e rege os movimentos. Também ganha destaque a relação entre alma e corpo, sendo a alma racional a que sobrevive depois da morte e a única capaz de contemplar o mundo das ideias. Outra noção fundamental exposta no diálogo é a de que o tempo só existe no mundo sensível. No mundo das ideias, segundo Platão, não cabem as questões onde e quando. Tanto a temporalidade quanto a eternidade são governadas por um demiurgo, que é simultaneamente as duas coisas. Para Timeu,

Seja como for, o tempo nasceu com o céu, para que, havendo sido criados concomitantemente, se dissolvessem juntos, caso venham algum dia a acabar. [...] Foi feito segundo o modelo da natureza eterna, para que se lhe assemelhasse o mais possível. (PLATÃO, 1977, p.54).

Enfim, o tempo é ligado a mudanças, ao vir-a-ser, e não existe para as realidades eternas. Cada coisa tem um tempo próprio, mas que retorna ao começo.

Não admitindo a presença do tempo no mundo das ideias, que tomamos como o espaço da eternidade, não pudemos encontrar em Platão a explicação para o tempo que passa no Purgatório. Mas verificamos ser dele a concepção de um centro ordenador do universo e, como a própria obra elucidada, a explicação para a sensibilidade das almas, o que permite, então, a consciência do estar sendo castigado definitivamente, provisoriamente ou, no Paraíso, a consciência do estar sendo recompensado, a despeito do tempo.

Outro filósofo com contribuição importante para essas questões foi Aristóteles. Em *Os sentidos do tempo em Aristóteles* Fernando Puente (2001, p.27) diz que o estagirita defendia que só da substância corruptível se poderia dizer que se encontrava no tempo, pois, “ser no tempo” significa ser medido pelo tempo, ou “[...] daquilo que não se encontra em movimento ou repouso não se pode dizer que se encontre no tempo”. Isso está relacionado com o conceito de ente:

Ente, para Aristóteles, pelo menos ente no sentido do ente sujeito ao devir (que constitui propriamente o âmbito da Física), significa para ele ser um ente que possui, melhor ainda, que está em um certo movimento capaz de ser numerado. Esse número com que numeramos o movimento é precisamente o tempo. (PUENTE, 2001, p.62).

Se, apenas o ser que estava no tempo continha uma matéria corruptível, isso explica por que as almas sofrem sempre os mesmos castigos, sentem a dor, mas não têm nenhuma mutilação, pois sua natureza é incorruptível. Não devemos esquecer que a alma castigada foi maculada pelo corpo durante a vida e está condenada a sofrer eternamente sob a marca do pecado. As punições estão sempre de acordo com o pecado cometido, ou seja, elas lembram o tipo de mácula com que o corpo marcou a alma e, por isso, mesmo extinto o corpo, a alma carregará o sufrágio eterno do pecado cometido.

Segundo Pimentel (2009) uma das questões fundamentais para a discussão do conceito do tempo em Aristóteles diz respeito ao modo como o filósofo define o agora:

[...] nada que seja contínuo como o tempo pode ser feito de coisas indivisíveis ou discretas como o agora, que é uma contrapartida do tempo e nada que é contínuo pode ser feito sem partes, o agora não possui partes, logo não faz parte do tempo. Mas as partes do contínuo são infinitamente divisíveis. Assim, conhecemos somente uma parte do tempo, mas não todo o tempo existente através das divisões estabelecidas pelo agora. Como o intelecto não conhece o tempo como um todo, também não conhece o movimento e sim *um* tempo e *um* movimento e isso somente é possível por meio dos “agoras”, afixados distintamente no intervalo do tempo, como referência aos limites anterior e posterior do movimento.

Enfim, as almas que estão no inferno só experimentam a sensação do agora, que, segundo Aristóteles, não faz parte do tempo. Por isso a repetição incessante dos movimentos. Santo Agostinho, mais tarde, retoma essa concepção. No livro *Confissões*, a definição do tempo foi buscada em intensa reflexão e num diálogo travado com o próprio Deus, de quem esperava obter as respostas. Vejamos:

O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei. Porém, atrevo-me a declarar, sem receio de contestação, que se nada sobreviesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existiria o tempo presente.

De que modo existem aqueles dois tempos – o passado e o futuro –, se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, já não seria tempo, mas eternidade. (AGOSTINHO, 1987, p.218).

Esta pode ser a explicação definitiva para o que ocorre com o Inferno e o Paraíso. Embora haja movimento, há sempre a sensação do agora, do presente, da eternidade. Não há passado nem futuro. A questão ainda não fica resolvida para o Purgatório. Antes de prosseguir, é necessário dizer que, em sua tentativa de definir o tempo, Santo Agostinho leva em conta apenas o tempo psicológico, ou seja, o modo como nós compreendemos o tempo, e não o tempo como um ser em si. Assim, conclui que os tempos que existem na nossa mente (na dele) são: “[...] a lembrança presente das coisas passadas, a visão presente das coisas presentes e a esperança presente das coisas futuras” (AGOSTINHO, 1987, p.22). Mais adiante, ao especular sobre a definição de tempo em relação a movimento e duração, conclui que “o tempo não é o movimento dos corpos” (AGOSTINHO, 1987, p.225). Isso ratifica a presença do movimento e a ausência do tempo, como já dissemos, no Inferno e no Paraíso. Tanto para Santo Agostinho como para Aristóteles, o divino é eterno porque é perfeito, não precisa da mudança. O movimento que há não significa tempo, é repetitivo, circular, não progressivo. Tanto os antigos quanto os medievais compreendiam que o movimento poderia se dar apenas pelo deslocamento. O movimento poderia ocorrer, portanto sem haver “duração”, isso é apenas como deslocamento espacial. Assim é possível, por exemplo, que Dante percorra o paraíso mesmo não havendo o tempo.

E o Purgatório? Como Dante soluciona naquele espaço a questão do tempo? Nossa hipótese, depois de reunir o pensamento dos filósofos acima, é que, dentro do princípio da verossimilhança interna, na obra, Dante apela para uma solução de caráter ideológico. No Inferno e no Paraíso, portanto, temos um deslocamento no espaço, mas não temos um deslocamento no tempo. No Purgatório, entretanto, temos um deslocamento no espaço e no tempo. Se não houver amparo filosófico e físico para essa questão, Dante construiu o tempo, no Purgatório, para ser fiel à concepção cristã de que aquele é um lugar de expiação provisória dos pecados. Do ponto de vista ficcional, isso não constitui nenhum problema. Mas, como essas questões suscitam a curiosidade do leitor, do ser humano desde sempre, julgamos importante considerá-las para que o autor e a obra não sejam mal compreendidos, ou até, acusados de inverossimilhança, além de julgarmos que essas provocações poderão tornar ainda mais atraente a leitura de *A Divina Comédia*.

COCCO, M. H. The building of time in *The Divine Comedy*. **Revista de Letras**, São Paulo, v.54, n.1, p.167-178, jan./jun. 2014.

- **ABSTRACT:** *This article establishes a relationship between the way time was built in three transcendental spaces in The Divine Comedy – Hell, Purgatory and Heaven – and the philosophical speculation on the subject held by Plato, Aristotle and St. Augustine, thinkers whose works were read by Dante Alighieri and probably affected his own. The aim is to provoke some thoughts on questions that may seem confusing at first glance, as the coexistence of time and eternity in the transcendental space and the conservation, by the soul, of the characteristics of the body and the consequent subjection to the passage of time, especially where there is definite or transitory punishment. Interpretations to these questions will be presented and may be stimulating to the reading of the work.*
- **KEY-WORDS:** *The Divine Comedy. The building of time. Reading encouragement.*

Referências

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. 4.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

DANTE ALIGHIERI. **A divina comédia**. Traduzida e comentada por Cristiano Martins. 8.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2006.

DESCARTES, R. As paixões da alma. In: _____. **Discurso do método. Meditações. Objeções e respostas. As paixões da alma. Cartas**. 2.ed. Tradução de J. Guinsburg e B. Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p.25-71. (Os pensadores).

PIMENTEL, R. **O agora e a apreensão do tempo na Física de Aristóteles**. In: CONSCIÊNCIA: filosofia e ciências humanas. 2009. Disponível em: <<http://www.consciencia.org>>. Acesso em: 22 jan. 2012. Não paginado.

PLATÃO. **Diálogos de Platão**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 1977. (Coleção Amazônica).

PUENTE, F. R. **Os sentidos do tempo em Aristóteles**. São Paulo: Ed. Loyola, 2001.